

INFECTADOS

Era uma manhã quente de verão, daquelas que a gente acorda zonza e sem ter a mínima ideia de quem somos. Os galhos retorcidos do velho pé de limão se chocavam contra a janela no ritmo do vento. Quando o despertador soou estridente em meus ouvidos, sentei-me em minha cama e esperei minha cabeça parar de girar. Precisava me recompor, havia uma lista de coisas enormes para fazer naquele dia, a limpeza do meu velho apartamento, agendar minhas compras no mercado virtual, assistir algumas aulas da minha faculdade on-line e o ápice da minha semana: o corpo administrativo da minha universidade me convocou à uma reunião. O frio na barriga evocou náuseas em meu estômago, não por causa da reunião, pois, como presidente do corpo discente, já havia participado de muitas, contudo, nunca uma *presencial*.

Significava sair, havia meses que não o fazia, a última vez em que me recordo foi no ano novo, na campanha de fogos de artifício com distanciamento, a qual logo depois tomei tantos banhos que minha pele ficou enrugada.

A verdade é que Azeirf, o planeta com maior população da galáxia, se encontrava em um verdadeiro caos há 20 anos, quando o vírus Ritnes se espalhou por ele, causando a Pandemia mais famosa do século XXX. Os cientistas não mediram esforços em busca da tão famosa vacina, e até hoje o fazem, sem obter sucesso.

No fim das contas, o mundo inteiro desenvolveu um modo de vida adaptado à Pandemia, tudo era virtual, não havia interação física entre os humanos, era *perigoso*. Os infectados apresentavam todos os sintomas logo após o contato, toques, conversas, as vezes até olhares desenvolviam um sintoma ou outro. O parasita era a arma vigente mais letal, a qual todos temem e não medem esforços para se protegerem como podem.

O corpo administrativo da minha universidade fica apenas à 20 km do meu apartamento. Depois de tomar as pílulas preventivas, colocar as lentes protetoras, a máscara elétrica e minha roupa especial Anti-Ritnes, estava pronta para sair. Eu havia agendado minha saída no site de controle de aglomerações, que só permitia que 20% da população de uma cidade saísse, portanto, como de costume, as ruas estavam vazias.

Eis uma curiosidade sobre o Ritnes, todos estávamos infectados por ele, no entanto, ele só se manifestava quando tínhamos qualquer contato com outro infectado. Ele era um hospedeiro que ficava a espreita de qualquer oportunidade para se manifestar.

Eu estava esperando tudo, uma mudança de cargo no corpo estudantil, uma advertência, uma promoção, qualquer coisa, menos ser mandada para um outro planeta de infectados por Ritnes que conviviam sem regras de distanciamento. “Você é a mais indicada Amélia, suas médias são ótimas e seu histórico impecável. Uma pesquisa interplanetária vai lhe render um currículo impecável. Você será disputada!” As palavras de Jeremy -diretor da universidade-me pegaram desprevenida. Será que ele não considerava as consequências? E se eu desenvolvesse os sintomas? E se perdesse a sanidade?

O medo mesclado a curiosidade pelo planeta infectado me inundou, contudo, uma coisa que Jeremy disse fez-me hesitar: *currículo*. Tenho todos os pré-requisitos do mercado de trabalho, e esse é o problema, todos tem, preciso de algo diferente, que chame atenção. E uma pesquisa interplanetária me forneceria exatamente isso.

É inovador, tudo o que sabemos a respeito do segundo planeta mais habitado da galáxia, Sotnemitnes, é que além de a população toda ser infectada, como nós, eles possuem o diferencial de que não lutam contra isso, não tomam pílulas, não utilizam câmaras de esterilização, vivem em aglomerações sem qualquer regra de distanciamento. Essas são todas as informações que nos foram providas, já que ninguém sabe o que acontece quando se permite que os sintomas do vírus se desenvolvam.

A viagem rumo a Sotnemitnes ocorreu sem surpresas. Foi somente ao chegar no destino que me surpreendi. Mãos sacudiam meus ombros, eram suaves, mas me afastei sobressaltada. Alguém tinha me tocado! O tecido da roupa era minha única proteção. Me senti completamente vulnerável. Uma mulher alta e robusta me encarou com uma expressão engraçada, como se estive rindo de uma piada interna. Ela se desculpou e me levou à hospedaria.

O transporte era estranho, um tanto que aberto demais, no entanto, a sensação do vento em meus cabelos era incrível. O fato de dividir o transporte com aquela mulher era fora do meu habitual, mas o que me fez vidrar os olhos na janela foi o fluxo de pessoas. Elas iam pra lá e pra cá, as vezes inclinavam a cabeça como se estivessem se comunicando com o olhar. Elas esticavam a boca de modo que seus dentes se expunham e seus olhos brilhavam. Oh! Alguns estendiam seus braços sobre os outros e os envolviam. Não usavam qualquer tipo de proteção. E exalavam uma euforia. Sem dúvida esses devem ser os sintomas do Ritnes.

Após me instalar na hospedaria, consultei o meu horário de reuniões com Roma, o auxiliar que iria amparar-me em minha pesquisa. Teríamos uma sessão por dia, durante alguns meses, de acordo com o tempo estabelecido de minha pesquisa. Roma me levou a diversos lugares estranhos, onde as pessoas sentavam-se uma em frente a outra e faziam suas refeições em grupo, as vezes uma sala onde diversas pessoas se reuniam em frente a um telão enorme onde exibiam-se filmes.

Em sotnemitnes as pessoas tocavam-se e não pareciam estar doentes ou com dor, pelo contrário, pareciam sentir prazer nisso. Em certas ocasiões, eu permitia que as pessoas apertassem minhas mãos, em outras Roma me abraçava e um frio na barriga me invadia. Sem dúvida eram os sintomas. Mas eles não pareciam ser ruins. Roma me ensinou que o ato de expor os dentes se chamava sorrir, e me peguei fazendo-o sem perceber. Eu não sabia como parar de me relacionar com os habitantes, cada piada me fazia querer ouvir mais. Aprendi a dançar ao som de música alta até meu corpo suar e vibrar. Tudo era fascinante.

Certo dia questioneei a Roma, “porque Azeirf luta tanto contra esse vírus, se os sintomas são incríveis?” Ele argumentou o seguinte “Os Azeirfianos acreditam que emoções são fraquezas que os tornam vulneráveis, uma inutilidade que precisa ser descartada. Eles se forçaram a serem cada vez mais frios, só não percebem que ao lutar tanto contra o que eles consideram como doença, acabam morrendo por dentro nesse processo.”

As palavras de Roma giraram em minha cabeça dia após dia, mesmo depois de retornar a Azeirf. Tudo parecia sem graça, vazio, silencioso demais. Como se Azeirf tivesse perdido seu eixo de rotação. Tudo estava errado e fora do lugar.

Roma estava certo, realmente o que afetava o planeta Azeirf era a falta de afeto, a fuga do contato físico, a não conexão entre as pessoas. O que eles achavam que era a proteção, na verdade era o próprio mal. Talvez em tempos remotos tenha existido um vírus que fizesse necessário todas essas medidas de proteção, contudo, acabou por se tornar algo ilógico. Todos

estavam vivendo em uma realidade distorcida, se privando de viver com potencialidade os sentimentos que nos tornam de fato humanos.

Sentir nos torna mais forte, nos dá apoio para continuar. Não se pode viver em sociedade sem nos relacionarmos uns com os outros. Um abraço, um toque, um beijo, uma troca de olhares, qualquer forma de afeto tem o poder de esquentar um coração frio. As vezes precisamos nos deixar ser infectados pelo vírus do amor, dando a ele liberdade para nos guiar pelos seus sintomas. Só se percebe o valor de um toque, quando se tem e o perde, ou quando se nunca teve e passa a ter.

Azeirf- Frieza

Ritnes- Sentir

Sotnemitnes- Sentimentos

Roma- amor